



ANA MARIA CAMPOS
camposanamaria5@gmail.com

Mensagens na delação de Vorcaro

Divulgação

As mensagens que embasaram a decisão do ministro André Mendonça, do STF, para decretar a prisão preventiva do ex-presidente do BRB Paulo Henrique Costa foram recuperadas de um telefone de Daniel Vorcaro e devem ser incluídas na delação premiada do ex-CEO do Banco Master. Muitas informações que constam da representação da Polícia Federal para o pedido de prisão reforçam a suspeita de que foram reveladas pelo próprio Vorcaro, pelo detalhamento dos imóveis, cifras e método de ocultar o patrimônio. Segundo pessoas próximas, Paulo Henrique acreditava que o banqueiro seria prudente a ponto de apagar esse tipo de conversa no WhatsApp. No telefone do ex-presidente do BRB não havia nenhum registro de mensagem com Vorcaro e ele até entregou o aparelho à Polícia Federal com a senha. Por isso, Paulo Henrique foi pego de surpresa com a decretação da prisão. Estava destruído. Mas insiste que não pretende, por ora, fazer delação premiada. “Vou me defender”, disse a interlocutores.



Diálogos tratam de ocultação do patrimônio

As mensagens trocadas com Daniel Vorcaro complicam muito a situação de Paulo Henrique Costa. São muito explícitas. Um dos trechos que chama a atenção é um diálogo entre o advogado Daniel Monteiro — que também teve a prisão preventiva decretada pelo ministro André Mendonça — com o dono do banco Master. Apontado como operador jurídico-financeiro do esquema de Vorcaro, Monteiro trata abertamente do registro dos imóveis em benefício de Paulo Henrique. Há, ainda, o fato de o próprio Paulo Henrique ter solicitado que se deixasse em branco o campo de adquirente de imóvel, sob a justificativa de que estaria compondo uma holding familiar. Segundo o ministro André Mendonça, esse dado reforça a tese da estratégia de ocultação patrimonial.

Para onde vai a defesa?

A estratégia da defesa agora deve ser tentar questionar a competência do Supremo Tribunal Federal (STF) para processar e julgar Paulo Henrique Costa e Daniel Vorcaro, uma vez que eles não contam com prerrogativa de foro. Segundo a coluna apurou, a defesa deve tentar um agravo contra a decisão do ministro André Mendonça, alegando essa questão.

Ascensão e queda de PHC

Preso preventivamente ontem por determinação do ministro André Mendonça, Paulo Henrique Costa era, para muitos, considerado o cara. Circulava com desenvoltura no governo, era defendido por empresários e paparicado por deputados distritais. Dia sim, dia não estava no gabinete de Ibaneis Rocha (MDB). Era uma figura enigmática. Muita gente perguntava de onde saía tanto poder. Nas mãos do então presidente do BRB, houve muitas mudanças no banco desde 2019: patrocínio ao Flamengo, a diferentes modalidades de corridas e a vários atletas; criação do banco virtual Nação BRB Fla, em parceria com o time carioca; expansão das agências para além do quadrilátero do Distrito Federal; ampliação da carteira de financiamentos imobiliários; parcerias com o Mané Garrincha e com o Autódromo de Brasília. Mas Paulo Henrique marcará a história do banco pela pior crise em 60 anos: a compra de R\$ 12 bilhões em créditos fraudulentos do Master, no episódio mais grave de ataque ao Sistema Financeiro Nacional. Sorte dele se o BRB sobreviver.



Tranquilidade

Nos diálogos incluídos na decisão do ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal (STF), de decretação da prisão preventiva de Paulo Henrique Costa, o ex-presidente do BRB conversa com o banqueiro Daniel Vorcaro com uma naturalidade incrível para alguém que estaria tratando de propina por WhatsApp. Ele fala de visitas a apartamentos luxuosos, queixa-se de entraves e discute termos relacionados ao contrato de aquisição.

Resolvedor de problemas

Daniel Vorcaro acalma Paulo Henrique Costa, em mensagem de WhatsApp sobre possíveis entraves na liberação dos imóveis sob negociação: “Eu sou um resolvedor de problemas rsrs”.

Felicidade

Em conversa com a corretora de imóveis encarregada de viabilizar a aquisição dos apartamentos de alto luxo para Paulo Henrique Costa, Daniel Vorcaro afirma por WhatsApp: “Preciso dele feliz”.



Prisão do operador tira sono de muita gente

No mundo político, o que mais causou perplexidade não foi a prisão de Paulo Henrique Costa, mas a do operador jurídico-financeiro de Daniel Vorcaro. Apenas com a operação do Banco Master e BRB, o advogado Daniel Monteiro recebeu, segundo a investigação da Polícia Federal citada na decisão do ministro André Mendonça, R\$ 86.167.189,30. Como homem de confiança de Vorcaro, o advogado, que é especialista em direito comercial, bancário e de mercado de capitais, pode ter participado de vários outros negócios relacionados ao Master.

Divulgação



Homenagem na Bahia

Daniel Monteiro chegou ao Master por iniciativa do ex-sócio de Daniel Vorcaro, Augusto Lima, que é marido da ex-deputada federal e ex-ministra Flávia Peres (ex-Aruda). Como Lima, Monteiro tem conexões com petistas na Bahia e chegou a ser homenageado com o título de cidadão baiano, em sessão ocorrida em dezembro de 2024. A iniciativa partiu do deputado estadual Rosemberg Pinto (PT). Augusto Lima e Flávia Peres Lima estavam presentes na solenidade.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista / CÉSAR BERGO / ECONOMISTA E PROFESSOR DA UNB

Ao *CB.Poder*, o especialista em mercado financeiro avaliou que os mecanismos internos de controle do banco não funcionavam e que a instituição foi “escolhida para o esquema” de corrupção provavelmente em razão dessas falhas

“BRB não estava blindado contra fraudes”

» ARTUR MALDANER*

Após a prisão do ex-presidente do Banco de Brasília Paulo Henrique Costa, veio à tona o suposto esquema para pagamento de propina do ex-banqueiro Daniel Vorcaro, dono do Banco Master, para o então dirigente do BRB. Em entrevista ao *CB.Poder* — parceria entre o *Correio* e a *TV Brasília* — de ontem, o economista e especialista em mercado

financeiro César Bergo, professor da Universidade de Brasília (UnB), analisou o novo capítulo do maior escândalo do setor financeiro do país. Na avaliação de Bergo, os altos valores negociados apontam para um esquema estruturado de fraudes bancárias. “Ele (Paulo Henrique) não agiu sozinho. Houve negligência, imprudência e omissão de vários funcionários”, afirmou aos jornalistas Ana Maria Campos e Carlos Alexandre de Souza.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista

ministro André Mendonça é muito detalhada em relação às supostas negociações que teriam ocorrido entre Paulo Henrique e Daniel Vorcaro. Como funcionava essa operação?

Quando a gente pega o volume de recursos envolvidos, só o Fundo Garantidor de Crédito (FGC) vai ter um prejuízo de R\$ 50 bilhões. Então, o que são R\$ 146 milhões perto de R\$ 50 bilhões? Foi um esquema montado em cima de uma compra de entes localizados de formas estratégicas, escolhidos a dedo, em que os valores envolvidos são muito grandes

para que a pessoa pudesse aceitar, pensando muitas vezes que não ia ser descoberto, em função da rede de poder que foi traçada. Sabemos que envolvia pessoas do Judiciário, do Legislativo e do Executivo e foi uma trama bem desenhada desde 2019 e conquistada aos poucos. Agora, entra uma questão também da blindagem da empresa. O que a gente vê muito é que o BRB não estava blindado a esse tipo de ação. Provavelmente foi exatamente por isso que foi escolhido.

O senhor foi presidente de banco. Uma operação dessas ocorreria só por falha ou erro?

Não, ocorreria por negligência, imprudência e omissão. Agora, no caso particular, pelo que foi apurado, houve dolo e má-fé, que é quando eu causo prejuízo a alguém a meu favor. A negligência, a omissão e a imprudência podem acontecer no sentido de um funcionário não querer perder o cargo, por não estar protegido.

O senhor tem acompanhado as medidas que estão sendo adotadas pelo novo presidente do BRB? Acha que estão no caminho certo?

O BRB deveria rever questões administrativas, como patrocínios fora de Brasília. Se buscamos parcimônia e uma gestão responsável, a primeira regra é “fechar a casa”. Portanto, não vamos gastar

dinheiro com o que não tenha um objetivo estratégico, algo que não foi feito. O que tenho observado é que o presidente atual (Nelson de Souza) tinha um discurso enquanto o Ibaneis (Rocha) era governador e tem outro agora, com a atual governadora. Eu estou mais de acordo com o discurso atual, porque temos que preservar o banco. É uma sociedade anônima de capital aberto, com investidores minoritários, e precisa seguir as regras da CVM. O que dá receio é que a gestão parece estar acobertando essas questões, faltando a transparência que a governadora defende. A coisa sai aos ‘soluções’ e as contas não fecham. Então, fica uma interrogação muito grande. Sabemos que o patrimônio do BRB está em torno de R\$ 4 bilhões. Para cobrir esse rombo que aparecerá no balanço, terá que haver uma injeção de capital. Houve a sugestão de venda de ações no mercado primário, o que é uma solução, mas o acionista terá que aportar dinheiro. Entra aí a questão do empréstimo pretendido junto ao FGC e na rede bancária. A governadora afirma que até 30 de maio a situação estará solucionada e que o Banco Central é informado diuturnamente. Contudo, na minha visão, há uma demora do Banco Central em tomar as decisões necessárias.

*Estagiário sob a supervisão de Malcia Afonso

Como é que um esquema desse tamanho, que envolve bilhões de reais, acontece num banco sem que os órgãos de fiscalização impeçam?

Nesse primeiro momento, o que observamos é que as entidades de autorregulação deixaram as coisas acontecerem. Ele (Paulo Henrique) tinha pessoas no grupo que entendiam do sistema e

muitas delas, inclusive, são pessoas que sugerem mudanças nos veículos de investimento. Parece-me que as pessoas envolvidas nessas operações tinham conhecimento dessas fragilidades. Encontraram uma Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que não tinha presidente e enfrentava dificuldades em seu corpo funcional, além de um Banco Central também em fase de

mudança de presidência. Houve, portanto, toda uma questão regulatória envolvida, porque as normas de Basileia (recomendações internacionais de supervisão bancária), controles internos e compliance não foram observadas.

A Polícia Federal prendeu o ex-presidente do BRB, Paulo Henrique Costa. A decisão do